

SITE ACESSÍVEL PARA INFORMAR E SENSIBILIZAR ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM SOBRE A PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Vitória Costa Oliveira¹
Monaliza Ribeiro Mariano Grimaldi²

RESUMO

A acessibilidade atitudinal pode ser conseguida através de estratégias de acesso à informação, aplicadas por meio de tecnologias digitais para promover sensibilização sobre a temática Pessoa com Deficiência. **Objetivo:** avaliar um *site* acessível sobre Pessoa com Deficiência para informar e sensibilizar acadêmicos de enfermagem. **Método:** Trata-se de um estudo metodológico, realizado entre agosto de 2019 e abril de 2020, com 35 acadêmicos de Enfermagem do primeiro e último ano de uma universidade pública do Ceará. Os participantes foram questionados quanto seu conhecimento sobre a temática antes e após a experiência de utilização do *site*, e ainda sobre questões referentes a avaliação da tecnologia, quanto a clareza de linguagem, pertinência prática, relevância teórica, facilidade de uso, acessibilidade e avaliação geral. O *site* acessível possui informações sobre Pessoas com Deficiência, acessibilidade, inclusão e relacionamento do enfermeiro com a Pessoa com Deficiência. **Resultados:** Participaram 35 acadêmicos, sendo a maioria mulheres (88,6%), brasileiras (80,0%), idade entre 18 e 25 anos (80,0%), cursando o último semestre da graduação (34,3%), sem deficiência (100%) e sem convívio com PcD (60,0%). Os participantes responderam corretamente grande parte das perguntas e atribuíram nota 2 à avaliação geral da tecnologia, classificando-a como mais ou menos adequada. **Conclusão:** Conclui-se os acadêmicos possuem um bom conhecimento a respeito da temática e que o *site* não proporcionou novos conhecimentos sobre a temática. Além disso, o *site* acessível necessita de ajustes para que uma nova aplicação seja realizada a fim de obter a validação do constructo.

Palavras-chave: Pessoa com Deficiência Acessibilidade Sensibilização Enfermagem .

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências da Saúde, Discente,
vitoriaoliverebj@gmail.com¹
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências da Saúde, Docente,
monalizamariano@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

A participação da Pessoa com Deficiência (PcD) na sociedade é dificultada por limitações do cotidiano, ainda que exista políticas públicas que visam a inclusão e acessibilidade, estas não são aplicadas integralmente. A acessibilidade da PcD é comprometida por barreiras em diversos contextos, dentre os tipos comuns, destaca-se a barreira de acessibilidade atitudinal, que está relacionada a entraves gerados por atitudes que complexificam a inclusão de pessoas na sociedade (ABNT, 2015).

A garantia de acessibilidade e inclusão contemplam os direitos das PcD, conduzem o indivíduo à tomada de consciência e atitude crítica, possibilitando protagonismo social e aptidão para reivindicar seus direitos para melhorar sua qualidade de vida e de saúde (MARIANO et al., 2013). Quando direcionada ao ambiente acadêmico, a promoção desses direitos interfere na permanência, autonomia e qualidade de vida deste público. Assim, para alcançar a acessibilidade atitudinal na universidade é indispensável a implementação de ações com foco na sensibilização, a partir de estratégias que permitam aquisição de conhecimento, com possível reflexão acerca da temática (JUNQUEIRA et al., 2015).

Considerando que a maioria dos acadêmicos são adolescentes e adultos jovens, é válido que as estratégias envolvam a utilização dos meios digitais, uma vez que são instrumentos práticos que possibilitam a rápida transmissão de informações, além de promover autonomia na gestão do estudo (PINTO; LEITE, 2020). Além disso, é substancial a aplicação de ferramentas que proporcionem acessibilidade virtual, favorecendo um espaço de interesse para o público e acessível para todos (JUNQUEIRA et al., 2015).

Dado o exposto, é importante que essas ações sejam desenvolvidas englobando todos da universidade, mas em especial os acadêmicos de enfermagem, visto que na maioria dos acadêmicos não são capacitados para atender PcD. Com isso, os enfermeiros apresentam dificuldades para assistir uma PcD, podendo fornecer um cuidado insatisfatório devido a carência de conhecimento para lidar com o público, o que dificulta a interação entre profissional-paciente (FRANÇA et al., 2016).

Assim, um site acessível possibilitará a ampliação do conhecimento sobre as PcD, suas limitações, conceitos e direitos, além de fornecer subsídios aos acadêmicos e profissionais para atuar diante de pacientes que apresentem limitações. Diante disso, o objetivo deste estudo foi avaliar um site acessível sobre a temática Pessoa com Deficiência para informar e sensibilizar acadêmicos de enfermagem; e verificar o aprendizado de acadêmicos de enfermagem sobre Pessoa com Deficiência antes e após uso de site acessível.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo metodológico, baseado no referencial proposto por Pasquali (2010), que envolve a aplicação e validação do constructo. Neste estudo ocorreu a aplicação das etapas experimental e analítica, assim o site acessível foi aplicado com o público-alvo e analisado os resultados desta aplicação. Os participantes do estudo foram acadêmicos de Enfermagem, 35 na fase pré-teste e 25 na fase pós-teste, cursavam o primeiro e último ano da graduação, com idade acima 18 anos e acesso à internet.

A coleta de dados ocorreu entre agosto de 2019 e abril de 2020 em uma Universidade Internacional do interior do Ceará. Foi realizada por meio de um formulário online, pré e pós-teste, estruturado a partir de questões sobre dados de caracterização e conhecimento dos participantes sobre a temática PcD, além da aplicação do Questionário de Avaliação de Tecnologia Assistiva (GUIMARÃES; CARVALHO; PAGLIUCA, 2015). O instrumento foi informatizados a partir da plataforma Google Forms, possuía 20 questões, divididas entre múltipla escolha, dicotômicas e subjetivas. O instrumento foi enviado para os participantes via WhatsApp e E-mail, junto das informações sobre a pesquisa, TCLE e link de acesso ao site acessível, de



acordo com a fase do estudo.

As respostas submetidas aos formulários foram automaticamente tabulados em planilhas do Google Sheets e convertidas para planilhas Microsoft Excel. Os dados foram analisados através do software SPSS Statistics versão 20, sendo calculada a frequência das respostas com números absolutos e relativos, identificando o perfil dos participantes e os índices de acertos das questões referentes às PcD antes e após a experiência de utilização do site.

Este estudo representa parte de um projeto guarda-chuva intitulado “Acessibilidade e inclusão de universitários com deficiência: autonomia e justiça social” apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com CAAE no 53641116.0.0000.5576. Foram respeitados todos os aspectos éticos referentes à pesquisa com seres humanos, de acordo com a resolução 466/12.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram 35 acadêmicos, sendo a maioria do sexo feminino (88,6%), brasileiras (80,0%), com idades entre 18 e 25 anos (80,0%), cursando o último semestre da graduação (34,3%), sem deficiência (100%) e sem convívio com PcD (60,0%). Apesar de um estudo realizado em Minas Gerais mostrar que a maioria dos universitários com deficiência de uma instituição federal ingressou em cursos da saúde (VAN PETTEN; ROCHA; BORGES, 2018), observou-se que no presente estudo, nenhum dos participantes declarou ter deficiência e a maioria afirmou que não convive com uma PcD.

Ainda assim, os participantes responderam corretamente grande parte das perguntas relacionadas a temática PcD. A tabela 1 mostra que os participantes apresentaram dificuldades somente em relação a definição de acessibilidade e em reconhecer as manifestações clínicas do Transtorno do Espectro Autismo (TEA). Acerca disso, o estudo desenvolvido por França et al. (2020) discute que o conhecimento adquirido pelo acadêmico durante a graduação sobre o TEA é fundamental para a assistência resolutiva e de qualidade. Os resultados deste estudo corroboram com os encontrados pelos autores, que sugerem uma abordagem ampla da temática tanto na teoria como na prática, objetivando maior capacidade técnica e assim gerar mais segurança na prática assistencial (FRANÇA; SOUZA, BUBADUE, 2020).

Tabela 1- Conhecimento dos acadêmicos antes e após utilizarem o site. Ceará, 2020.



Fonte: Dados da pesquisa.

Ainda sobre TEA, os resultado demonstra que a forma que as informações foram apresentadas no site pode ter confundido o participante que antes havia respondido as questões corretamente. Todavia, foi visto que sobre os outros temas abordados as frequências se mantiveram próximas, o que expressa que não houve evolução significativa das respostas dos acadêmicos após a exposição ao site.

Acerca da avaliação geral do site acessível, os participantes avaliaram a tecnologia como pouco adequada, atribuindo nota 1 (52,0%). A respeito dos aspectos avaliativos isolados, os participantes declararam que a tecnologia estava mais ou menos adequada, sendo atribuído em maioria a nota 2 (Tabela 2).

Tabela 2- Avaliação do site. Ceará, 2020.





Fonte: Dados da pesquisa. *Escala de Likert com os valores 0-nem um pouco adequado 1-um pouco adequado 2-mais ou menos adequado 3-muito adequado e 4-extremamente adequado.

Embora a avaliação seja negativa, não é possível afirmar que o site não é uma ferramenta útil para informar e sensibilizar acadêmicos de Enfermagem, dado que a quantidade de participantes foi insuficiente. Associado a isso, outro importante fator limitante foi a ausência de participantes com deficiência. Assim, é necessário que o site passe por outra avaliação, com um público maior e mais diversificado, para que seja verificado se as notas permanecem quando submetido a outro grupo de acadêmicos.

CONCLUSÕES

Conclui-se os acadêmicos possuem um bom conhecimento a respeito da temática e que o site não proporcionou novos conhecimentos sobre a temática. Além disso, o site acessível necessita de ajustes principalmente em sua linguagem, pertinência prática e relevância teórica, para que uma nova aplicação seja realizada a fim de obter a validação do constructo.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) pelo financiamento do projeto de pesquisa e à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) pela concessão da bolsa de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS

ABNT. Associação Brasileira de Normas e Técnicas. NRB 9050 - Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, 2015. Disponível em: http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_24.pdf. Acesso em 10 jan 2016.

FRANÇA, E. G.; PONTES, M. A.; COSTA, G. M. A.; FRANÇA, I. S.X. Dificuldades de profissionais na atenção à saúde da pessoa com surdez severa. *Ciencia y enfermeira*, v. 22, p. 107-116, 2016. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/cienf/v22n3/0717-9553-cienf-22-03-00107.pdf>. Acesso em 13 mai 2021.

FRANÇA, I. S.; SOUZA, M. N.; BUBADUE, R. M. Conhecimento dos estudantes de enfermagem sobre crianças com Transtorno do Espectro Autista: revisão literária. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, v. 3, n. 7, p. 188-196, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.4073482>. Acesso em 13 mai 2021.

GUIMARÃES, F. J.; CARVALHO, A. L. R. F.; PAGLIUCA, L. M. F. Elaboração e validação de instrumento de avaliação de tecnologia assistiva. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 17, n. 2, p. 302-11, 2015. Disponível



em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/28815>. Acesso em: 16 mar 2020.

JUNQUEIRA, M. A.; CUNHA, L. F.; RIBEIRO, J. G.; MACHADO, A. Uma Proposta de Jogo Assistivo Para Dispositivos Móveis em Prol da Inclusão Digital de Deficientes Visuais. In: Anais do Workshop de Informática na Escola. 2015. p. 554. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5753/cbie.wie.2015.554> Acesso em 13 mai 2021.

MARIANO, M. R.; PINHEIRO, A.K.B.; AQUINO, P.S.; XIMENES, L.B.; PAGLIUCA, L.M.F. Educational games to promote adolescent health: an integrative review. Revista Eletrônica de Enfermagem, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i1.17814>. Acesso em 13 mai 2021.

PASQUALI, L. Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PINTO, M.; LEITE, C. As tecnologias digitais nos percursos de sucesso acadêmico de estudantes não tradicionais do Ensino Superior. Educação e Pesquisa, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-4634202046216818>. Acesso em 13 mai 2021.

VAN PETTEN, A. M. V. N.; ROCHA, T. C.; BORGES A. A. P. Política de cotas na universidade federal de minas gerais: uma análise do perfil dos alunos com deficiência. Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2358-8845.2018.v5n1.10.p127> Acesso em: 11 jul 2020.

